

O ESPANHOL NAS ESCOLAS PÚBLICAS: UM ESTUDO SOBRE O ENSINO DA LÍNGUA ESTRANGEIRA

Cleide Maria Nogueira Dias / cleinogdias@yahoo.com.br

Cleidson Nogueira Dias / cleidson.dias@projecao.br

RESUMO

O artigo é o resultado de uma pesquisa realizada na escola Polivalente, situada em Brasília-DF, onde na convivência com os educandos busca-se encontrar estratégias de ensino capazes de motivar os alunos das escolas públicas a se interessar em aprender a língua estrangeira, sem necessidades de recorrer a cursos particulares de idiomas. Levando a refletir sobre a lei nº 11.161/2005, que impõe a obrigatoriedade da oferta do espanhol nos currículos do ensino médio nas escolas brasileiras. Logo, analisou-se o método pedagógico e as razões para que o ensino de idiomas seja valorizado na educação brasileira.

Palavras-chave: língua estrangeira. Ensino. Escolas públicas.

1 Introdução

Ao longo da história, a escolha do ensino de uma língua estrangeira na educação básica brasileira sempre esteve ligada a fatores econômicos, culturais e políticos. Desde o início da colonização do território brasileiro pelos portugueses, houve a preocupação em promover um trabalho educativo, isso com o objetivo de facilitar o processo de dominação e expandir a religião cristã (SALVADOR e SANTOS, 2012).

Neste contexto, este artigo tem a pretensão de refletir acerca ensino de línguas estrangeiras, com ênfase no espanhol, na educação básica brasileira. Para tanto, realizou-se uma pesquisa etnográfica em uma escola pública do Distrito Federal, observando as aulas de língua estrangeira do idioma atualmente exigida nas escolas, o inglês, com o objetivo de analisar os métodos de ensino praticados e sua adaptação aos alunos que começarão o estudo da língua espanhola.

A necessidade de discorrer acerca desse assunto surgiu a partir da percepção de que os alunos terminam o Ensino Médio com poucos conhecimentos acerca da língua estrangeira e de que as escolas precisam adaptar os conteúdos para desenvolver o interesse dos alunos em aprender também o castelhano.

Na primeira parte do artigo fazemos uma discussão teórica acerca do tema, tomando como base a teoria de renomados autores. Após discorre sobre a língua espanhola e o ensino do idioma estrangeiro, abordamos sobre os aspectos metodológicos. Na terceira parte, apresentamos as observações feitas a partir da pesquisa feita, entre 11 de abril a 30 de maio 2011, no Centro de Ensino Fundamental Polivalente, situado na Asa Sul em Brasília-DF. Por último, fazemos as considerações finais depreendidas dessas reflexões.

2 Considerações sobre a língua espanhola no Brasil

A língua espanhola hoje é considerada uma necessidade dentro do contexto educacional brasileiro. Isso nos leva a refletir sobre a importância da aprendizagem do idioma espanhol em nosso país, já que atualmente o Brasil tem estreitado seus laços com

os países hispano-americanos, não somente por questões comerciais que foram o ponto de partida para o fortalecimento da língua, mas também por questões sociais e políticas.

O Ensino de língua espanhola no Brasil é uma prática antiga. Porém, nos últimos anos, intensificou-se com o acordo de livre-comércio entre os países do Cone-Sul (Mercosul), firmado em 1991, em Assunção. A necessidade de comunicação com os países vizinhos do Brasil demandou das escolas e institutos de idioma uma ação imediata. Todavia, o mercado apresentava carência de profissionais qualificados e de materiais adequados a essa necessidade (NASCIMENTO, 2007).

Segundo Sedycias (2005) acrescenta que a razão pela qual a demanda por cursos de espanhol aumentou nos últimos dez anos, nos centros públicos e privados, deve-se a situações importantes na vida econômica, social e cultural do país, como a criação do Mercado Comum dos países do Sul das Américas - Mercosul, em 1991; a aparição de grandes empresas de origem espanhola o que proporcionou estreitos laços comerciais com a Espanha, principalmente a partir de 1996; e o peso da cultura espanhola em geral. Além disso, essas circunstâncias têm dado frutos em um terreno já abonado pelo trabalho de muitos hispanistas e professores brasileiros que fizeram um grande trabalho de difusão do idioma e da cultura dos países de língua espanhola.

Deste modo, observa-se que a língua espanhola ganhou um espaço definitivo em nosso contexto educacional e isso se deve também ao grande apoio dado pelo governo brasileiro ao sancionar da lei 11.161, que obriga o ensino de espanhol nas escolas de ensino médio e facultativo no ensino fundamental. Essa atitude do governo é bastante positiva. Nesse contexto as escolas podem aproveitar as oportunidades para incentivar os alunos para aprender outra língua para criação de postos de trabalho na Copa do Mundo e dos Jogos Olímpicos, em 2014 e 2016, respectivamente, cresceu a procura em várias escolas de idiomas do Distrito Federal.

Com o equilíbrio da situação do espanhol no sistema educativo, pode-se dizer que estamos assistindo a uma situação favorável o ensino-aprendizagem do espanhol- independente de que a obrigatoriedade se chegue a aprovar ou não e que as autoridades educativas devam ser conscientes da força da demanda do espanhol e da necessidade de satisfazer as exigências do MERCOSUL. A data de hoje, a oferta pública do espanhol é claramente insuficiente, principalmente por falta de meios técnicos, de apoio bibliográfico e de profissionais qualificados. (FERNANDEZ, 2005, p.24).

Para Silva e Castedo (2008), de fato, o acordo assinado entre os países do MERCOSUL, em 1991, ocasionou um *boom* nos cursos de castelhano no Brasil. Desde então, o idioma de Cervantes está em evidência e tende a evoluir ainda mais, pois a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005, é responsável pela segunda fase de crescimento do ensino da língua espanhola no Brasil, já que impõe em seus 7 artigos a obrigatoriedade das escolas públicas e privadas a ofertar aos seus alunos o ensino da língua em questão. Contudo, esses autores alertam que em nenhum momento a lei propõe discutir qual variedade da língua espanhola deve ser ensinada. Não se destaca uma como sendo mais relevante e, conseqüentemente, a que deva ser contemplada na nossa educação, deixando a critério do professor a escolha do material didático a ser utilizado, bem como a variedade linguística mais enfocada na sala de aula.

Hoje há aproximadamente 14 (quatorze) mil professores na rede pública e privada, sendo que a maioria da rede publica. Para atender a demanda advinda da lei, será necessário agregar mais de 29 mil profissionais a rede de ensino privada e aproximadamente 26 mil professores á rede pública. Desse modo, o governo brasileiro tem investido na formação de professores com a abertura de mais vagas nas licenciaturas e de concursos públicos para docentes, entre outras medidas, além da capacitação

daqueles que já dão aula. Celeda (2005) adiantou que os representantes dos países latino-americanos e da Espanha, se comprometeram a ajudar o Brasil na implantação da lei do espanhol, como foi apelidada a Lei nº 11.161/05, especialmente no tocante ao intercâmbio de alunos e professores e à concessão de bolsas, além de programas conjuntos de formação de professores de espanhol. Esses professores terão um papel fundamental para que a inclusão da língua espanhola seja efetiva em nosso país.

3 O ensino de língua estrangeira

Celani (2011) comenta que é preciso valorizar o segundo idioma, entender qual a importância de aprendê-lo para a educação do indivíduo, o que permite a ter mais empatia e entender as diferenças inerentes do atual contexto mundial. E também, necessita-se de uma qualificação para os professores, pois eles apenas repetem o que aprendem.

O professor, além de ser capaz de falar na língua que leciona em sala, precisa escrever de maneira simples e correta sintaticamente, ler um artigo e entender falantes nativos - que não devem ser encarados como modelo, nem em relação à pronúncia. Mesmo porque essa ideia está superada hoje pela falta de fronteiras proporcionada pelo avanço da tecnologia e por causa da expansão da língua estrangeira. Afinal, quem é o falante, nesse caso, uma vez que os não nativos superam absolutamente os que o têm como primeira língua? O princípio é se comunicar de forma correta e compreensível (CELANI, 2011).

Sendo assim, é importante abordar o estudo de línguas o interesse e o trabalho de muitas pessoas, em todo o mundo, há séculos. Durante todo este tempo, sempre esteve presente a inquietação de professores, pais e alunos quanto a não possibilidade de se conseguir, mesmo após longa exposição ao estudo de uma língua estrangeira, fluência na habilidade desejada.

Essa competência desejada, que é a capacidade comunicativa, ou seja, a capacidade de se expressar na forma oral e escrita ressalta-se principalmente por sua justificada importância como diferencial no mercado de trabalho, objetivo a ser alcançado em um curso de língua estrangeira.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS) de Língua Estrangeira, lançados em 1998, determinam qual o foco da leitura e escrita na prática do ensino cotidiano (BRASIL, 1999). Assim, para o alcance dessas diretrizes, o professor precisa fazer cursos de capacitação sobre idiomas para preparar-se como facilitador de aprendizagem e, por meio de novas técnicas, lidar com turmas entre 45 a 50 alunos.

É de conhecimento comum que o efetivo ensino e a aprendizagem da língua estrangeira vêm sendo atribuído aos cursos livres de idioma cujo acesso é restrito a um determinado público. Esta questão contribui para aqueles que não têm condições para esta educação diferenciada, se distanciem das exigências cada vez maiores do mercado de trabalho.

A visão do ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras, por muitos anos, foi atrelada ao pensamento de que o ensino de línguas deve ser focado na compreensão oral e na fala. Deste modo, os alunos acreditam que se aprende língua estrangeira quando se estabelece uma comunicação no idioma por meio da oralidade.

O desenvolvimento global, entretanto, contribuiu para a mudança desse quadro, provocando a inclusão do ensino de língua inglesa a partir do primeiro ano do ensino fundamental e a mobilização do público adulto, que busca, cada vez mais, uma aprendizagem bem-sucedida do idioma. Surgem, portanto, novos desafios aos professores de inglês, uma vez que em sua formação inicial são orientados para o

trabalho com o público que se encontra entre dez e dezoito anos de idade (GATTOLIN, 2007).

Contudo, no que tange o ensino de línguas estrangeiras, além do inglês, o ensino de espanhol também se apresenta disciplina obrigatória nos currículos escolares desde 2010 em todo o Brasil. De acordo com a lei 11.161, sancionada pelo presidente Lula em 2005, todas as escolas de Ensino Médio deverão oferecer aulas do idioma aos seus alunos.

Para Norte (2009), o espanhol é uma das quatro línguas mais falada do mundo quanto a número de falantes nativos, além de ser o segundo idioma na comunicação internacional e o terceiro idioma mais utilizado na internet. Atualmente mais de 500 milhões de pessoas fala espanhol, sendo a segunda língua mais falada no mundo ocidental. Além da Espanha, é a língua oficial de 20 países, localizados na sua maioria na América Latina.

Neste sentido, para Morin (2007), a compreensão é, a um só tempo, meio e fim da comunicação humana. O planeta necessita, em todos os sentidos, de compreensão mútua. Considerando a importância da educação para a compreensão, em todos os níveis educativos e em todas as idades, o desenvolvimento da compreensão pede a reforma das mentalidades. Esta deve ser a obra para a educação do futuro.

4 Aspectos Metodológicos

Quanto à metodologia, a pesquisa qualitativa foi escolhida neste artigo por mostrar-se a mais apropriada para se entrar em contato com a natureza do fenômeno, de acordo com seus aspectos epistemológicos, ou seja, referindo-se à visão que se tem do fenômeno estudado. Este tipo de pesquisa “é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas de vida” (FLICK, 2009, p. 20).

A pesquisa qualitativa, sob a ótica de Pinheiro, (2004, p.16) é um estudo não estatístico que identifica e analisa profundamente dados não-mensuráveis – sentidos, sensações, percepções, pensamentos, intenções, comportamentos passados, entendimento de razões, significados e motivações – de um determinado grupo de indivíduos em relação a um problema específico. Segundo Flick (2009, p. 37), ela “dirige-se à análise de casos concretos em suas peculiaridades locais e temporais, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais”.

A estratégia de pesquisa utilizada foi, portanto, a etnografia que, segundo Hammersley e Atkinson (1995, p. 1 apud Flick, 2009, p. 214),

Em sua forma mais característica, ela implica a participação pública ou secreta do etnógrafo na vida cotidiana das pessoas por um período prolongado de tempo, observando o que acontece, escutando o que é dito, fazendo perguntas – na verdade, coletando qualquer dado que esteja disponível para esclarecer as questões com as quais ele se ocupa.

A etnografia foi importada da antropologia para diversas áreas substanciais em outras disciplinas, tais como a sociologia e a educação. A etnografia atual começa sua pesquisa por perto e quer mostra determinados aspectos daquilo que parece familiar a todos nós (FLICK, 2009)

Ainda sobre a etnografia, Vergara (2007) complementa que é um método, originado no campo da antropologia que consiste na inserção do pesquisador no ambiente, no dia-a-dia do grupo pesquisado. Os dados são, então, coletados no campo, em geral, por meio de observação participante e entrevistas, quase sempre semi-estruturadas.

Neste trabalho relata-se a observação participante, no Centro de Ensino Fundamental Polivalente, na Asa Sul - DF, nas turmas de 5^a a 8^a séries, onde se buscou a participação das aulas de inglês, assistindo e auxiliando as professoras de língua estrangeira, nos trabalhos de sala de aula.

5 Centro de Ensino Fundamental Polivalente: Análise e discussão dos resultados da pesquisa

O Centro de Ensino Fundamental Polivalente oferece uma das melhores estruturas em todo o Distrito Federal e percebe-se a preocupação em desenvolver as competências dos educandos. Não obstante, nota-se que nas turmas com mais de 40 alunos o processo de ensino aprendizagem é prejudicado, entretanto um dos objetivos desta pesquisa foi vivenciar essa realidade, identificando as alternativas para os problemas ali encontrados.

A investigação foi vivenciada no Polivalente, especificamente na disciplina de Inglês, nas 5^a e 6^a séries vespertino e 7^a e 8^a matutino, onde percebeu-se que os professores têm nesse processo educativo um grande desafio profissional. As aulas são ministradas para cada turma três vezes por semana, deste modo, cada docente de língua inglesa leciona em várias turmas e trabalha de 5^a a 6^a, com todos os horários preenchidos.

A professora de 5^a e 6^a séries tenta habilitar os alunos à escrita e à leitura, bem como propagar conteúdos considerados básicos. Usando texto de fácil compreensão, ela consegue manter a metade da turma envolvida mantendo a calma numa sala com a maioria de alunos na faixa etária de 11 a 14 anos.

Além disso, a professora procurou preencher os 45 minutos com tarefas, questionamentos e com uma aula bem participativa, usando como material didático: quadro, giz, revistas, curtas (disponíveis na internet) rótulos de produtos, estampa de camisetas, letras de músicas, livros didáticos, caderno de exercícios, folhas com tarefas para serem feitas durante a aula.

Então, percebeu-se uma grande diferença da escola pública para escola particular de línguas, principalmente pela quantidade de alunos em sala de aula. O professor não pode cobrar a leitura de maneira personalizada, tampouco dar um atendimento individualizado. Ademais, a maioria dos alunos mostra que não está muito interessada em aprender língua estrangeira (inglês), fazendo-se necessário o uso de várias estratégias para chamar a atenção dos discentes.

Observa-se que há diversas dificuldades de complexa solução, sendo preciso a participação da família para ajudar nas diferenças existentes e na conscientização da importância de aprender mais uma língua e, também, para o crescimento de futuras oportunidades no mundo do trabalho.

A professora de 7^a e 8^a séries, período matutino mostra-se bem capacitada explicava muito bem o conteúdo. Ela fez curso de aperfeiçoamento no exterior, mas, com turmas de 45 a 50 alunos, há uma perda na qualidade do ensino, cujo professor de língua estrangeira nem sempre pode detectar com precisão as falhas existentes neste processo.

Avaliações são feitas com testes, trabalhos individuais e em grupo, exercícios feitos em sala de aula, e também pelas leituras e pelo provão multidisciplinar, que é corrigido pelo professor conselheiro. O professor usa diversas atividades avaliativas. Segundo a professora “para avaliar meus alunos, creio que melhor meio ainda é uma prova tradicional, pois vejo que é a única razão pelo quais os alunos se preocupam em estudar para algum assunto da língua”. Por esse motivo ela pode ser usada como um processo de aprendizagem.

Numa das aulas a professora trabalhou com a música *you are going to lose that girl*, da banda *The Beatles*. A música estava relacionada com o assunto visto em sala de aula, verbo *To Be*. Ela usou um aparelho de alta qualidade auditiva, porém, este recurso não estimulou a turma. Logo, nota-se, a priori, uma juventude desmotivada, com muitos conteúdos e pouca vontade de apropriar-se do conhecimento.

Na escola é preciso que o aluno tenha algum interesse pelo conhecimento. É preciso criar um desejo no aluno, estimulá-lo para realização de atividades que o torne capaz de enfrentar as dificuldades na arte de aprender a aprender.

O professor precisa ter uma sensibilidade e aproveitar as oportunidades para despertar nos alunos no interesse em aprender uma língua moderna estabelecendo uma relação com a realidade. Por outro lado, descobrir gostos, afinidades e possibilidades de comunicação por meios que desperte a curiosidade. Segundo Celani (2011), é importante aproveitar a comunicação via internet, pois o computador é um ótimo aliado na hora de fazer tarefas, o professor encontra um *link* com seus alunos, para isso é preciso criar possibilidades para o aluno participar, dando idéias, investigando e pesquisando. Além disso, deve-se criar no aluno o gosto para o conhecimento e para o hábito de estudar, de forma que o aprendizado sirva para a vida, para aproveitar as novas oportunidades.

O Polivalente atua na perspectiva de valorizar e respeitar as diferenças. Atende alunos de todas as cidades satélites, todos querem estudar nesta escola porque ela é percebida como uma das melhores escolas públicas do DF. A infraestrutura do Polivalente facilita a interação entre os alunos e a escola, a exemplo da sala de inglês, onde há cartazes com frases escritas com vocabulário escolar em inglês, ferramenta que aumenta a afinidade do aluno com a língua. Desta forma, a educação colabora na geração de oportunidades para pessoas excluídas socialmente, impactando no sucesso social e profissional.

Vygotsky (1991) também enfatiza que os nossos pensamentos são frutos da motivação. Ao sentirmos necessidades específicas, desejos, interesses ou emoções, em outras palavras, é a motivação que produz pensamentos. Trazendo isso para o contexto de aprendizagem da língua estrangeira, chega-se a conclusão de que é necessária uma motivação intrínseca para que o sujeito sinta maior afinidade e interesse por outro idioma.

Deste modo, observa-se que vários recursos podem ser utilizados, como o projetor multimídia (*data show*), vídeos, ou simplesmente usando o aparelho de som, com uma folha de papel, para que os alunos completem os espaços em branco da música impressa. E, ainda, com a letra da música se pode fazer um ditado e, na correção, pedir que os alunos troquem suas atividades com outros colegas para que o preenchimento das respostas seja feito por outra pessoa.

As escolas do ensino técnico já estão se movimentando para a capacitação em vários setores. Por outro lado os professores também precisam ser reciclados, procurando promover uma intervenção docente diferenciada, cujo conhecimento da língua é essencial para a comunicação entre países.

Além disso, segundo a educadora italiana, Maria Montessori (apud Nicolau, 2005), o professor necessita de uma formação diferenciada, sendo guardião e responsável pelo ambiente e matérias existentes, deve apresentar-se bem e tratar a criança com delicadeza, deve se preocupar com o comportamento das crianças para que, gradativamente, estas consigam sentirem-se bem na sala de aula, poesias, contos, rimas, exercícios variados contribuirão para esse bem-estar. Posteriormente, o leque de interesses dos alunos se amplia. Os exercícios de vida prática devem ser primeiros.

Ademais, o mestre deve criar um ambiente em que os alunos se concentrem, evitando interferências suas ou dos colegas. Para Montessori, a calma e atitude devem

ser cultivadas. É preciso que, ao se colocar a criança em contato com o material, respeitem-se os períodos; o das iniciações e o das lições (NICOLAU, 2005).

6 Considerações Finais

A utilização de métodos pedagógicos, para facilitar a aprendizagem em línguas estrangeiras no Brasil, contribui para que os conteúdos aprendidos possam ser aplicados de forma imediata, já que a ideia é também extrapolar o ensino cartesiano da língua e mostrar, também por meio de atividades lúdicas, a cultura do país em estudo. Nesse caso, a aprendizagem não se reduz apenas à sala de aula, sendo um processo que pode se desenvolver nas atividades cotidianas dos alunos.

O presente artigo assinala que as diferenças devem ser respeitadas, no processo de ensino de uma língua e que usar os acontecimentos que fazem parte da realidade próxima ao aluno é necessário. O professor deve buscar o estímulo, ressaltando a importância da disciplina não somente na vida profissional dos alunos, mas também será proveitoso esse aprendizado diante de suas futuras perspectivas. É preciso inventar novas estratégias para que o aluno descubra a relevância de aprender a língua estrangeira. É fundamental, também, estimular o aluno a dominar alguma competência, alertar para o valor do aprendizado e do ensino, contextualizando em fatos concretos, como por exemplo, a copa do mundo no Brasil, cuja necessidade de preparar-se para interagir de maneira satisfatória com os estrangeiros é latente.

Além disso, o professor precisa aprender além dos programas governamentais de qualificação para lograr o desenvolvimento de diversas estratégias de ensino/aprendizagem específicos para um idioma estrangeiro. Nesse caso, a aprendizagem não se reduz apenas à sala de aula, mas principalmente ao processo se desenvolve além dos muros da escola, seja na comunicação com as pessoas nativas de outros países, pela *internet*, TV a cabo, leitura de livros em outros idiomas, por meio de filmes, do desenvolvendo de atividades cotidianas de uma cultura estrangeira, entre outros.

Evidenciou-se, que a música, como ferramenta do ensino-aprendizagem, consegue mudar o humor dos alunos, promove motivação e autoconfiança. Então, aprender língua estrangeira com música é uma maneira prazerosa e que acelera a aprendizagem porque torna divertida a compreensão de como escrever, pronunciar, ouvir e ler.

Por fim, espera-se que com esse estudo sobre língua estrangeira, focando principalmente o espanhol, que é uma língua muita usada e fácil de aprender, compreenda-se alguns elementos que despertam o interesse dos alunos em estudar uma língua diferente do português, descobrindo a riqueza de saber se comunicar com pessoas de outros países. E, ainda, que as novas gerações estando conectadas se sintam mais confiantes, curiosas e felizes em descobrir novas maneiras de comunicar-se, atuando de maneira diferenciada no mundo laboral e fazendo novos amigos, de diversas culturas, em países distantes.

Referências bibliográficas

BRASIL. Dispõe sobre o ensino do espanhol na educação fundamental e média. **Lei nº 11.161, de 05 ago. 2005**. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 20.06.2011.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais, códigos e suas tecnologias. Língua estrangeira moderna.** Brasília: MEC, 1999.

CELADA, Maria Teresa; GONZALES, Neide. **Español para brasileños: un intento de espanhol no Brasil: passado, presente, futuro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 14-34.

CELANI, M. A. A. **Revista Nova Escola.** 2011. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-estrangeira/fundamentos/nao-ha-receita-ensino-lingua-estrangeira-450870.shtml>>, acesso em 26/03/12.

FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. El Español en Brasil In: SEDYCIAS, João. (Org.). **O Ensino do espanhol no Brasil: passado, presente, futuro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 71-200.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa.** 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GATTOLIN, Sandra Regina Buttros. **Ensinar e aprender língua estrangeira nas diferentes idades: reflexões para professores e formadores.** DELTA [online]. vol.25, n.1, pp. 220-225, 2009.

MENDONÇA, Martha. **O ponto fraco do ensino forte.** *Revista Época.* n. 689 p. 88-94, 01 de agosto 2011.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 12 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2007.

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. Prestígio lingüístico no ensino de espanhol como língua estrangeira – o caso dos pronombres personales sujeto. **STUDIA DIVERSA**, CAE-UFPB, vol. 1, n. 1, out. 2007. Disponível em: <http://www.ccae.ufpb.br/public/studia_arquivos/arquivos_01/erivaldo_01.pdf>, acesso em 03/01/12.

NICOLAU, Marieta Lúcia Machado. Maria Montessori: o indivíduo em liberdade. **Coleção memória da pedagogia.** n. 3, São Paulo: Segmento-Duetto, 2005.

NORTE, Diego Braga. **A hora do espanhol (será mesmo?).** *Revista educação,* n. 10, 2009. Disponível em: <<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos.asp?codigo=12782>>, acessado em 18.06.2011.

SALVADOR, Alzenaide C. O.; SANTOS, Luana Vital dos. **O ensino de espanhol na educação básica brasileira: uma retrospectiva histórica.** Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/humanidades/ARTIGOS/GT38/O%20ENSINO%20DE%20ESPA%20NHOL%20NA%20EDUCACAO%20BASICA%20BRASILEIRA%20UMA%20RETROSPECTIVA%20HISTORICA.pdf>>, acesso em 03/01/12.

SEDYCIAS, João (Org.) **Ensino do espanhol no Brasil: passado, presente, futuro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p.223

SILVA, Bruno Rafael C. V. da; CASTEDO, Tatiana Maranhão de. Ensino do espanhol no brasil: o caso das variedades linguísticas. **Holos**, Ano 24, Vol. 3, 2008. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/viewFile/145/164>>, acesso em 03/01/12.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de pesquisa em administração**. 2 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2006.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.